

URU-KU as disciplinas esquecidas

Katia Canton

O conceito de abrigo é a espinha dorsal da obra de Josely Carvalho. Desde o início de sua carreira, a artista elegeu a tartaruga tracajá como seu avatar, de modo que esse pequeno e antiqüíssimo animal pudesse penetrar os locais mais insólitos — locais reais, imaginados ou virtuais—carregando sua própria casa/casco, reproduzindo simbolicamente a eterna perseguição humana por um abrigo, seja ele físico, afetivo ou ambos.

Em sua procura por abrigos, Josely Carvalho inicialmente chegou às telhas. Criou um *Livro das Telhas com barro e virtualidade*. As telhas de barro, elemento primordial da construção de uma habitação, cobertura dos tetos de nossas casas e de nossos refúgios imaginários, passaram a ser telhas virtuais, páginas de computador que se tornaram arquivos de histórias, lembranças e memórias coletivas.

Livro das Telhas é a discussão mais ampla do sentido de abrigo. Na realidade do mundo contemporâneo, marcada, de um lado, pela tecnologia dos endereços virtualizados e, de outro, pela miséria daqueles que não possuem moradia, e pelas guerras étnicas e movimentos migratórios e clandestinos que provocam a perda de abrigo, a noção de espaço, de moradia, de lugar, perde uma demarcação geográfica estabelecida, se desgarra de um sentido fixo. e cai na rede elástica das incertezas geradas pela era da globalização.

Seria o resgate do afeto a grande resposta a essa imensa crise?

Pensando nisso, numa etapa subsequente de seu trabalho, Josely Carvalho passou a criar ninhos, incluindo no universo dos abrigos, os espaços negociados pela intimidade e a domesticidade. Ninho, afinal é aconchego, é proteção, é geração de vida. Mas não é só isso.

De fato, o ninho de Josely, feito em resina, tem a transparência das narrativas de contos de fadas. Criado a partir de combinações de grandes galhos resinados, distribuídos ao acaso (construídos ou erguidos com a sabedoria dos pássaros), no chão, eles parecem frágeis como sapatos de cristal.

Em sua composição móvel, bela e translúcida, a artista fez do ninho de pássaros um belo retrato sobre o desejo de amor e abrigo, e, ao mesmo tempo, da fragilidade da vida e da inevitabilidade da morte.

Com essa bagagem em punho, a artista partiu para a residência no município capixaba de Viana, num projeto concebido pela curadora Neusa Mendes. Viana foi pensada por ela como local de residência artística por apresentar uma geografia urbana composta por bairros isolados, cortados por uma estrada.

Nesse momento, Josely já produzia seu Diário de Cheiros na internet. A busca pelo sentido olfativo parecia um caminho natural para essa incansável pesquisadora dos afetos, dos abrigos, da intimidades.

Do abrigo natural do corpo da tracajá, passando pelos abrigos das telhas de barro, das páginas de computador e dos ninhos, a artista questiona os cheiros que nos abrigam, nos proporcionam lastros, memórias, histórias, conforto ou repulsa, que nos concedem vida, enfim.

Foi assim que, à pergunta proposta pela residência, “mas, que arte cabe numa cidade?, a artista Josely Carvalho respondeu com outra pergunta: “mas, que cheiros cabem trazem a memória de uma cidade?”

E, justamente, com essa pergunta final, ela criou numa jornada de alguns meses, ladeados por duas permanências no belo Casarão, uma história vibrante de trocas e encontros com a população vianense.

A escolha do olfato se liga a uma opção pela sutileza. Também entra no jogo aqui uma atitude de resgate; afinal, na nossa sociedade do espetáculo, é o visual, produzindo ondas cada vez mais gigantescas de imagens que nos atropelam como tsunamis; e o sonoro, que se impõe como complementação ao imagético e toma corpo como um pano de fundo para a sintonia com o mundo das máquinas e virtualidades, que dão as cartas desse mundo-jogo.

O olfato é mesmo uma disciplina praticamente esquecida. em um mundo que engole os tempos, transborda imagens e ruídos, torna tudo veloz e descartável e se revela desprovido das sensações sutis que somente os aromas conseguem fazer aflorar.

Pois foi justamente esse o desafio a que a artista se impôs. Numa primeira etapa, durante uma semana, Josely percorreu a cidade de Viana, ouviu histórias da comunidade quilombola de Araçatiba e conversou com os jovens de Marcílio de Noronha. Com as mulheres de Araçatiba, compartilhou histórias de força e persistência, saboreou um soteco, testemunhou a tradição do trabalho artesanal das costuras, bordados, tecidos, e experimentou o cheiro das ervas aromáticas.

Dali, ela colheu galhinhos de ervas e os guardou dentro de um livro que ficou no Casarão para a próxima etapa da residência, suas folhas secas cuidadosamente guardadas em meio às páginas. A ideia aqui era catalogar todas as ervas mantidas na tradição quilombola, criando *a posteriori* uma horta, um delicioso jardim de ervas medicinais.

Aconteceu, nesse meio tempo, um pequeno milagre, o primeiro deles: o livro brotou. Um galho de boldo já seco, sem mais, nem por onde, resolveu perseguir a luz e renascer, bem ali, apertado no meio das páginas.

Assim, inadvertidamente, tornou-se o símbolo de uma cidade meio esquecida, fragmentada nas memórias, dividida em geografias esquecidas, rasgadas pela BR 262. Apontou soberano, para além das disciplinas que pareciam empalidecidas e ressecadas. Assinalou a vitória dos novos encontros.

E enquanto o livro brotava, a artista operava seu segundo pequeno milagre. O ninho, um abrigo fechado para garantir intimidade e proteção, se abriu. Pela primeira vez, Josely Carvalho decidiu não mais fechar as bordas desse local protegido. Com a relação estabelecida com a comunidade, Josely rendeu-se à abertura.

Misturou então seus galhos, feitos de galhos de árvores embebidos em cola e grudados com pó de urucum. O urucum, ou uru-ku, como os índios tupi-guaranis o chamavam, é um pó retirado da semente, que tinge tudo de um alaranjado quente, e é usado nos temperos das moquecas e de uma infinidade de receitas culinárias capixabas. Pois, por seu cheiro e sua visualidade vibrante, o urucum tornou-se uma das grandes metáforas da visualidade capixaba, no olhar e no olfato da artista.

O ninho aberto, teia de galhos alaranjados, se misturou no espaço superior do Casarão, marcado pela grande tela de vídeo, configurando novos desenhos e possibilidades.

Ali foi projetado o vídeo “Não posso cheirá-lo”, com imagens da artista mescladas a uma poética, evocação de animais simbólicos: a tartaruga Tracajá, sua avatar - que traz seu abrigo nas próprias costas e viaja, representando os percursos traçados pela própria artista; o peixe, aludindo ao mar e às profundezas; e os pássaros, seres tão livres quanto frágeis.

No andar inferior do espaço, o livro-brotado aparece como escultura, ladeado por uma série de fotografias realizadas pela artista, utilizando detalhes de suas folhas, seus tons, suas nuances de luz e sombra.

Numa parede específica um outro vídeo, intitulado “Diário de Campo” feito pela artista, documento de sua primeira semana em residência, incluindo dois fragmentos de dois vídeos produzido com um grupo de jovens de Marcilio de Noronha. Nas trocas e conversas com a artista, percebeu-se que para esses jovens, as memórias dos cheiros que faziam parte de suas vidas não falavam de passado, mas de um presente pleno de projetos e inovações.

Assim, em “Diário de Campo”, toda uma riqueza de personagens e experiências se desdobra numa viagem pelos detalhes e delicadezas deflagradas pelos cheiros nos percursos diários de cada um desses habitantes.

São esses diários que também aparecem numa derradeira instalação, chamada “Vidro de Cheiro”.

Compilados, trezentos vidros de perfume esvaziados foram entregues aos habitantes de Viana, para que esses realizassem pequenos inventários sobre as lembranças dos cheiros de suas vidas. Pétalas de flores, restos de comida, chás, perfumes, coisinhas miúdas, cada um dos vidros, lacrados com tampas coloridas tornou-se um universo em si.

Colecionadas e expostas, os frascos, testemunhos da memória olfativa de cada um, alimentaram o espaço da galeria com a potência da subjetividade individual que se soma e se torna uma. Esse conjunto ganhou um poder encantatório e parecia atribuir uma nova vida a um arquivo morto encontrado perto dali. Em meio a um arsenal de frascos, o ambiente tornou-se reluzente, quase musical.

Eis um novo pequeno milagre operando novamente.